

FÉ REVOLUCIONÁRIA: A ATUAÇÃO DOS ESTUDANTES ORGANIZADOS NA PUC-RIO E NA UNE DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)

Aluno: João Paulo Medeiros da Costa

Orientadores: Marco Antonio Pamplona, Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

1.0 - Introdução

O Núcleo de Memória da PUC-Rio é composto por um quadro permanente formado pelos pesquisadores, em ordem alfabética, Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves, Marco Antonio Pamplona, Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington e pelo fotógrafo Antônio Albuquerque. Além disso, conta com a ajuda de alunos da graduação que participam como bolsistas. Atualmente são eles: Ana Amorim, Danielle Larrate, Marina Kersting, Túlio Gomes e eu.

A proposta do Núcleo é desenvolver pesquisas que tenham, de alguma forma, relação com a memória da Universidade e, também, auxiliar pesquisadores de dentro e de fora da PUC-Rio na busca de informações que tangenciam o espaço físico ou agentes dos mais diversos setores que a compõem. Há sempre a preocupação, por parte da equipe do Núcleo, de não se colocar como um guardião da memória da Universidade, que seria unívoca. Desse modo, parte-se do pressuposto que a PUC-Rio desperta memórias coletivas e passíveis de diversas interpretações e sentidos a serem analisadas a partir de trabalhos e pesquisas acadêmicas ou de entrevistas e de relatos pessoais. Além disso, há o aspecto sempre rememorado de que a memória é uma preocupação do presente, ou seja, longe de ser uma espécie de passadismo. A partir dos trabalhos dos pesquisadores e dos bolsistas, fica mais claro que a memória é um vigoroso suporte para pensar o presente e o futuro.

A partir daí, ingressei no Núcleo buscando, inicialmente, produzir um trabalho sobre o ambiente que ajudou a edificar o Cinema Novo, já que alguns dos artífices desse movimento partiram da PUC-Rio. Todavia, com o desenvolvimento da minha pesquisa, acabei focando no movimento estudantil da Universidade que além de ter influenciado ou composto agrupamentos artísticos diversos, também foi relevante na atividade da União Nacional dos Estudantes (UNE) e nas disputas no interior da Igreja Católica, que passou por fortes distúrbios internos durante o século XX. Mais precisamente, o recorte temporal deste trabalho está no período do governo João Goulart, quando a UNE foi presidida por um aluno da PUC-Rio, Aldo Arantes, quando a Juventude Universitária Católica (JUC) rachou por conta de lutas ideológicas entre a base e o alto escalão da Igreja, o que acabou levando à criação da Ação Popular (AP), uma força notável no corpo discente da Universidade e, também, quando se deu o lançamento da campanha UNE-Volante, que buscava viajar pelo Brasil levando discussões e bandeiras políticas da época através de assembleias e de apresentações artísticas. Buscando incidir diretamente nos rumos que o país estava tomando naquele turbulento período histórico.

2.0 - Relatório Técnico

2.1 - Atividades em conjunto com a Equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio

Reunião 02/08/22 - Visita ao Museu das Remoções na Vila Autódromo, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Reunião 08/08/22 - As bolsistas Ana Amorim e Danielle Larrate apresentaram um cronograma de gravações previstas para o Instagram do projeto Memórias da Pandemia. Depois, houve a apresentação dos projetos de PIBIC de ambas.

Reunião 22/08/22 - Comentários sobre a forma de apresentação que as bolsistas Ana e Danielle escolheriam para seus respectivos PIBICs. Informes sobre a mudança do Arquivo da Reitoria para o Solar Grandjean de Montigny. Eu e o pesquisador Eduardo Gonçalves falamos sobre a higienização e a organização de algumas pastas desse arquivo. As bolsistas Ana e Danielle seguiram com a apresentação do cronograma do Instagram do projeto Memórias da Pandemia.

Reunião 29/08/22 - O professor Marco Antonio Pamplona relatou sua experiência na reunião de diretores. Houve prosseguimento de discussões acerca das apresentações de PIBIC e dos trabalhos com os armários do Arquivo da Reitoria. Além disso, o pesquisador Clóvis Gorgônio apresentou uma proposta de cor para o anuário de 2021.

Reunião 05/09/22 - A professora Lúcia Lippi comunicou ao Núcleo que está interessada em pesquisar sobre a invasão que ocorreu no Diretório de Sociologia no contexto do Golpe Militar de 1964. Houve o informe de que os armários da Reitoria seriam, de vez, alocados para o Solar. Eu e o pesquisador Eduardo comentamos sobre o trabalho e algumas dificuldades no cadastro das pastas da reitoria. A pesquisadora Sílvia Ilg Byington apresentou alguns nomes de funcionários da universidade que renderiam interessantes entrevistas para o projeto Memórias da Pandemia. O professor Marco avisou que o Núcleo precisaria se articular melhor com outros departamentos e centros da universidade, tendo em vista as diretrizes apontadas pelo novo reitor da PUC-Rio.

Reunião 12/09/22 - A bolsista Ana ensaiou sua apresentação de PIBIC. A pesquisadora Sílvia apresentou uma ideia de roteiro para as entrevistas do projeto Memórias da Pandemia.

Reunião 19/09/22 - Eu, como um dos organizadores da Semana de História da PUC-Rio, informei ao Núcleo que havia o planejamento de ter uma mesa sobre o nosso trabalho durante o evento. As bolsistas Danielle e Ana exibiram para a equipe suas apresentações de PIBIC. A bolsista Ana foi indicada para o prêmio PIBIC 2022.

Reunião 26/09/22 - Houve um balanço das apresentações do PIBIC das bolsistas Ana e Danielle. Foi informado que eu começaria o meu trabalho de higienização e cadastro das pastas do Arquivo da Reitoria sobre o movimento estudantil e que Danielle faria o mesmo, porém com as pastas do Solar. Informou-se sobre o início de uma nova seleção para bolsistas no Núcleo.

Reunião 03/10/22 - Foi marcada uma entrevista com o professor Gustavo Robichez, coordenador do CCEAD, para o projeto Memórias da Pandemia. A professora Larissa Corrêa se reuniu com o professor Marco pensando na elaboração de um curso para os alunos de história com um foco no trabalho de arquivo. O bolsista Túlio relatou que fez melhorias no site do Memórias da Pandemia. Houve a apresentação de uma nova bolsista, Antônia. Além disso, foi gravado um vídeo para o Instagram do projeto Memórias da Pandemia.

Reunião 10/10/22 - A professora Margarida de Souza Neves explicou sobre a forma de funcionamento do CNPq, do CAPES, do FINEP e das FAPs. A bolsista Ana informou que viajaria para Viena para apresentar um trabalho no 14th Global Peter Drucker Forum. A pesquisadora Sílvia relatou como foi a entrevista com o professor Robichez.

Reunião 17/10/22 - Houve um debate sobre o texto do professor Eduardo Jardim, que foi publicado no site do Memórias da Pandemia. O professor Pamplona relatou mais uma conversa com a Professora Lúcia Lippi e me foi pedido para que me atentasse sobre uma possível menção do episódio da invasão do diretório de sociologia em 1964 nas pastas da reitoria com as quais estava trabalhando. Houve também o relato de uma conversa com o professor Maurício Parada, por parte do professor Marco, sobre a possibilidade do Núcleo cooperar com o projeto patrocinado pela White Martins, cujo foco está na presença das mulheres na indústria.

Reunião 24/10/22 - Foi decidido, em conjunto, que os bolsistas fariam a apresentação durante a Semana de História da PUC-Rio, situando a plateia sobre o que é o Núcleo e o seu trabalho, com ênfase na formação de pesquisadores.

Reunião 31/10/22 - Os bolsistas leram suas apresentações para a Semana de História para que houvesse uma avaliação por parte de toda a equipe antes do evento. Foi feita uma conversa com a professora Lúcia Lippi tratando do tema da invasão do diretório de sociologia.

Reunião 07/11/22 - Foi feito um balanço sobre a participação do Núcleo na Semana de História. Ana apresentou seu texto intitulado “Novas sensibilidades: a mudança do capital”, premiado pela Peter Drucker Foundation. A equipe discutiu uma possível bibliografia para a disciplina formulada em conjunto com a professora Larissa do departamento de história.

Reunião 21/11/22 - Antônia solicitou seu desligamento do Núcleo por conta de incompatibilidade de horários, já que ela havia conseguido um novo estágio. Além disso, durante a reunião, houve a sugestão de que fosse feita uma pesquisa nas atas do Conselho Universitário para encontrar informações sobre o episódio da invasão do diretório de sociologia.

Reunião 05/12/22 - Ana relatou sobre sua experiência em Viena. A professora Margarida apresentou um seminário aberto para debates sobre o texto “O trabalho de rememoração de Penélope” de autoria da filósofa Jeanne Marie Gagnebin.

Reunião 12/12/22 - Houve a continuação do seminário da professora Margarida.

Reunião 06/02/23 - Os bolsistas atualizaram a equipe sobre seus trabalhos individuais.

Reunião 13/02/23 - Houve a apresentação da nova bolsista, Marina. A professora Larissa, do departamento de História, solicitou que os bolsistas do Núcleo fizessem um *tour* pela PUC-Rio com os calouros do curso. Eu apresentei meu primeiro projeto de PIBIC.

Reunião 06/03/23 - Relatou-se como foi o tour com os calouros de história pelo *campus*. Houve também o informe de como foi a primeira aula da disciplina da professora Larissa com apoio do Núcleo. Danielle apresentou sua proposta de PIBIC.

Reunião 13/03/23 - Solicitação da feitura de um balanço das entrevistas realizadas pelo Núcleo. As bolsistas Ana e Danielle mostraram o projeto de criação de uma página no Instagram para o Núcleo de Memória.

Reunião 20/03/23 - A professora Margarida apresentou um seminário sobre os textos “Comemorar 80 anos”, de sua autoria, e o histórico do PDI escrito pelos pesquisadores do Núcleo de Memória. Logo em seguida, houve um debate envolvendo todos os membros da equipe.

Reunião 27/03/23 - A professora Margarida realizou uma apresentação sobre a construção do brasão da PUC-Rio e suas modificações ao longo do tempo.

Reunião 03/04/23 - Apresentei meu projeto de PIBIC para o debate e a avaliação da equipe do Núcleo, o mesmo se deu com a bolsista Marina e também com o bolsista Túlio.

Reunião 10/04/23 - Danielle apresentou seu projeto de PIBIC para o debate e avaliação da equipe do Núcleo. Houve um informe sobre o andamento da disciplina ministrada pela professora Larissa em conjunto com membros do Núcleo de Memória.

Reunião 17/04/23 - A equipe do Núcleo recebeu a visita do professor Maurício Parada, do departamento de História, e da pesquisadora Manuela Fantinato. Ambos apresentaram seu trabalho na empresa White Martins, que trata de projetos de memória e da participação das mulheres na indústria, ambiente que era majoritariamente masculino no passado e que, agora, está apresentando maior diversidade.

Reunião 24/04/23 - A equipe discutiu a elaboração de uma bibliografia sobre memória que serviria de fonte para pesquisadores de dentro e de fora da PUC-Rio. Além disso, houve uma conversa para que fosse decidido, coletivamente, quais seriam as primeiras postagens no Instagram do Núcleo.

Reunião 08/05/23 - Houve a apresentação e a discussão acerca dos relatórios técnicos apresentados por mim, pela bolsista Danielle e pelo bolsista Túlio.

Reunião 15/05/23 - Inicialmente, a equipe decidiu, a partir de uma votação, quais seriam os temas das primeiras postagens do Instagram do Núcleo. Depois, houve a continuidade da conversa sobre o relatório técnico do bolsista Túlio, que havia começado na semana anterior,

mas que ainda precisaria ser retomada na próxima. A equipe foi atualizada sobre o andamento do curso que a professora Larissa, do Departamento de História, está oferecendo, em conjunto com alguns membros do Núcleo. Além disso, Clóvis mostrou que a bibliografia sobre memória havia sido publicada no site, embora ainda necessite de algumas alterações ou correções. Por último, a bolsista Marina relatou o andamento de sua pesquisa que, inicialmente, está voltada para o funcionamento do curso de Educação Familiar da PUC-Rio.

Reunião 22/05/23 - Parabenizou-se o bolsista Túlio pela evolução no relatório técnico e foram dadas algumas sugestões para a continuidade de sua pesquisa e relatoria. Foram, também, lembrados os prazos para entrega dos relatórios substantivos por parte dos bolsistas. Além disso, o Núcleo discutiu coletivamente a apresentação via *PowerPoint* a ser apresentada numa reunião com a vice-reitoria de Ensino e Pesquisa e com o reitor.

Reunião 29/05/23 - Houve uma série de informes sobre a reunião do reitor com os departamentos e depois discutimos sobre algumas necessidades do Núcleo, principalmente temas como orçamento e espaço físico. A bolsista Ana Amorim apresentou uma série de propostas para o Instagram. Houve um debate, também, sobre o site do anuário da PUC-Rio.

Reunião 05/06/23 - Apresentei para a equipe o desenvolvimento da minha pesquisa de PIBIC. O bolsista Túlio fez o mesmo.

Reunião 26/06/23 - Visita ao arquivo dos jesuítas na rua Bambina em Botafogo

Reunião 10/07/23 - Apresentei o resumo da minha pesquisa de PIBIC. O bolsista Túlio fez o mesmo.

Reunião 17/07/23 - Sílvia e Danielle apresentaram o seminário Casas Brancas: Um Solar, um Terreiro e os Caminhos da Patrimonialização da Cultura no Brasil, em que a equipe leu o texto Patrimônio, negociação e conflito de Gilberto Velho. Além disso, discutiu-se o resumo da pesquisa de PIBIC da Danielle.

Reunião 31/07/23 - Houve a apresentação do documento de trabalho da exposição de 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca.

Reunião 07/08/23 - A equipe discutiu sobre alternativas de espaço físico para o Núcleo, a partir de projetos elaborados pela Sílvia. Houve, também, um debate para organizar alguns pontos da exposição comemorativa dos 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca.

Reunião 14/08/23 - Continuação do debate tratando da exposição comemorativa dos 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca.

Reunião 21/08/23 - A equipe fez uma breve discussão sobre alguns aspectos da exposição comemorativa dos 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca e, logo depois, discutiu sobre o meu relatório de PIBIC e o do bolsista Túlio.

Reunião 28/08/23 - Danielle apresentou para equipe um esboço do seu projeto de monografia, com ideias iniciais. Marina relatou sobre o andamento de sua pesquisa e as dificuldades que tem encontrado para reunir fontes. Houve um debate sobre o andamento dos preparativos finais para a exposição comemorativa dos 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca. No final, chegamos num consenso acerca do cronograma de reuniões e atividades do mês de setembro.

2.2 - Atividades individuais no Núcleo de Memória da PUC-Rio

No segundo semestre de 2022, com o auxílio dos pesquisadores Eduardo e Clóvis, iniciei um trabalho de higienização, organização e cadastro de pastas do arquivo da Reitoria. As primeiras pastas a que tive acesso continham documentos dos primórdios da Universidade, ou seja, da década de 1940. Nelas era possível encontrar materiais que discutiam a importância dada, naquele momento, pelos pioneiros da PUC-Rio, para a necessidade da criação de uma universidade católica na então capital federal.

Muito se via, também, sobre a saga da Universidade para conseguir sua propriedade na Gávea e as intensas negociações com o governo Vargas, que acabou cedendo terrenos no centro

da cidade que posteriormente foram vendidos e tiveram seu lucro revertido para a compra de outros na Gávea, onde a Universidade se encontra até os dias de hoje.

Finalizadas estas pastas, pude partir para o trabalho com as que tratam do movimento estudantil na Universidade. O acesso a esses documentos foi muito proveitoso não só para o crescimento da minha formação enquanto historiador, mas também de um ponto de vista mais pessoal, já que estava, naquele momento, integrado com o movimento estudantil.

Embora não tenha encontrado muito material relativo ao tema de minha pesquisa, que é mais focada no início dos anos 1960 até o golpe militar, o trabalho com essas pastas me fez ter noção de como o movimento estudantil da PUC-Rio tem um longo histórico de lutas e reivindicações.

Para minha pesquisa, houve um interesse maior no trabalho com as atas do Conselho Universitário que tratavam da invasão do diretório acadêmico de Sociologia, realizada por alunos de Engenharia, além da criação de um inquérito para avaliar a participação de discentes em agitações ou organizações comunistas ou de esquerda, no geral. É possível ter um pouco em mente como a polarização da Guerra Fria e a conjuntura na qual se realizou o Golpe de Estado de 1964 afetaram a PUC-Rio e seus estudantes, professores, diretores e funcionários em geral.

Concomitantemente, avancei nas leituras da bibliografia sobre o momento que estou pesquisando, com o apoio e com as sugestões de todos os membros da equipe, que sempre se mostraram profundamente prestativos e capazes de formular ótimos conselhos e caminhos possíveis que me esforço para corresponder. Busquei também referências na imprensa com foco, nesse primeiro momento, no jornal O Globo.

Ademais, a partir de um contato com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), consegui iniciar uma comunicação com o ex-aluno Aldo Arantes. Depois de algumas mensagens via *e-mail*, inicialmente, e depois via *Whatsapp*, foi possível agendar uma entrevista realizada pelo *Zoom* no dia 22 de junho deste ano. Dela participaram, além de mim, os pesquisadores Marco Pamplona e Silvia Ilg e a bolsista Marina Kersting. Aos poucos, tenho feito a transcrição da entrevista e é provável que sejam feitas outras futuramente. Durante a conversa com Aldo, ele recomendou que eu lesse seu livro, *Alma em Fogo* (2013), que tem uma série de memórias de sua vida enquanto militante, tratando, por conseguinte, do período no qual ele frequentou a PUC-Rio e foi uma liderança do movimento estudantil.

Necessário, também, citar que em 2022, fui um dos palestrantes na mesa que apresentava o trabalho do Núcleo de Memória da PUC-Rio na Semana de História da Universidade, organizada pelos alunos de graduação no curso. Neste episódio, pude ter uma breve experiência de trato com público e contei um pouco da minha pesquisa e do trabalho coletivo da equipe.

Para finalizar, posso dizer que cooperei com o belo trabalho das bolsistas Ana e Danielle na feitura de postagens para o Instagram do Núcleo de Memória, já que houve gravações em que elas pediram para que eu participasse de alguma forma. E, na ocasião da entrevista que o Núcleo fez com o coordenador do CCEAD, o professor Gustavo Robichez, transcrevi parte do material, tarefa realizada por todos os bolsistas.

3.0 - Relatório Substantivo

FÉ REVOLUCIONÁRIA: A ATUAÇÃO DOS ESTUDANTES ORGANIZADOS NA PUC-RIO E NA UNE DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)

3.1 - Introdução

O que leva uma série de jovens, em sua maioria de boa condição financeira, a deixar suas casas e viajar o país dedicando-se a construir um projeto de Brasil radicalmente diferente?

Muitos deles, possuindo ambições artísticas, começaram a apontar suas câmeras e microfones e, por conseguinte, seus olhos e ouvidos, para regiões interioranas, bem diferentes do ambiente urbano de onde provinham. Tudo isso com um sincero interesse em entender aquela realidade de muita pobreza e alterá-la a partir de um engajamento político pretensamente capaz de agir nas consciências, mobilizando-as para a luta política organizada.

O cinema foi uma ferramenta escolhida como valiosa para executar esses projetos, por um entendimento dele enquanto um meio fundamental de comunicação de massas e de construção de identidade. Aliado a isso, no período, houve uma série de novidades técnicas que facilitou o transporte e o manuseio dos aparatos demandados pelo fazer cinematográfico, como câmeras e captadores de som. Todavia, outras formas de arte também receberam especial atenção, como o teatro, a música e a poesia, por exemplo.

Retornando ao cinema, este foi o caso, por exemplo, da equipe de *Cabra Marcado para Morrer* (1984) [1], que começou a filmar em 1964, na Galileia, interior do Pernambuco, uma trama que representaria a vida de João Pedro Teixeira, militante camponês ligado à Liga Camponesa de Sapé, interior da Paraíba, que havia sido assassinado em 1962 por ordem de latifundiários.

Na busca de responder a pergunta inicial, será necessário fazer um balanço da conjuntura na qual esses jovens estavam inseridos, não só do Brasil de forma mais geral, mas também das universidades, já que muitos deles eram estudantes e estavam engajados na União Nacional dos Estudantes (UNE) ou em outras organizações estudantis. O recorte temporal deste trabalho é o período de governo do presidente João Goulart (1961-64) e há um foco na PUC-Rio. Nesses anos, saíram desta Universidade importantes dirigentes estudantis, ademais, ela se tornou um palco privilegiado para o estudo da edificação da Ação Popular (AP), a partir de integrantes de esquerda da Juventude Universitária Católica (JUC), que foi uma das mais significativas forças do movimento estudantil daquele momento.

Além disso, nesta pesquisa há um esforço de se atentar à pluralidade do movimento estudantil dentro da PUC-Rio. Essa diversidade estava presente tanto entre as diferentes frações de esquerda, quanto num confronto mais óbvio com a direita, que aparecia na Universidade com força, conseguindo, inclusive, espaço na imprensa da época para publicizar suas posições.

3.2 - Levantamento da conjuntura brasileira: um momento de intensa polarização

Brasil, 1961. A conjuntura no país é de intensa mobilização social após a renúncia de Jânio Quadros. A Campanha da Legalidade foi fundamental para garantir a posse de João Goulart, pois haviam forças sociais que buscavam impedir que o vice-presidente eleito assumisse. Todavia, foi apenas a partir da edificação do parlamentarismo que Jango pôde ocupar o cargo presidencial, o que limitava seus poderes, quando comparado aos presidentes anteriores.

Havia um forte clamor popular pelo avanço das políticas das Reformas de Base e isso fica claro nas eleições de 1962, quando Miguel Arraes, pelo Partido Socialista Brasileiro, conquista o governo de Pernambuco. Da mesma forma, Leonel Brizola, um dos principais nomes da Campanha da Legalidade, recebe uma expressiva votação para o cargo de deputado federal na Guanabara e o Partido Trabalhista Brasileiro duplica a sua bancada no Congresso. Sendo assim, ganhou força também o clamor pela volta do presidencialismo, a ser conquistado, em 1963, via plebiscito[2]. No entanto, vale apontar que, segundo o historiador Jorge Ferreira, tirando “(...) Pernambuco, com Miguel Arraes, a direita governava importantes estados, com Ademar de Barros em São Paulo, Ildo Meneghetti no Rio Grande do Sul, além de Carlos Lacerda na Guanabara”[3]. Isso demonstra como havia um ambiente de polarização e de bases sociais consideráveis compondo tanto o espectro político de esquerda como o de direita, sugerindo uma atmosfera de embates iminentes.

Nas Universidades, o clima não era diferente. Justamente por isso, podemos observar, na PUC-Rio, um cenário de intensificação do movimento estudantil levantando bandeiras a favor da posse de João Goulart, das reformas que seriam propostas pelo governo e, também, colocando pautas mais radicais no sentido de democratizar o país a partir de uma orientação socialista. Além da demonstração de apoio aos vitoriosos da Revolução Cubana que estavam em processo de alinhamento ao bloco soviético.

Pode-se perceber esse movimento quando analisamos a composição da JUC (Juventude Universitária Católica), que, naquele momento, passava por um processo de radicalização que geraria rachas e expulsões e que daria na formação da Ação Popular (AP). Um novo agrupamento de esquerda que viria a se estabelecer na presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE), através de um aluno de Direito da PUC-Rio, cuja gestão se deu no biênio 1961 e 1962, Aldo Arantes. Hoje, ele é dirigente do PCdoB e acumulou, ao longo da carreira, alguns cargos como vereador e deputado federal, participando, inclusive, da última Constituinte.

Esses confrontos entre universitários católicos de esquerda organizados e a estrutura da Igreja Católica estavam se tornando mais evidentes de acordo com o avanço das atuações do movimento estudantil dentro da PUC-Rio. Na esteira dos acontecimentos da Revolução Cubana, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) escreveu um manifesto denunciando o imperialismo norte-americano e condenando a invasão da Baía dos Porcos por parte dos EUA [4]. Necessário dizer, porém, que o corpo estudantil não pode ser compreendido como uma estrutura unívoca. A diversidade de opiniões e de visões de mundo em disputa na sociedade não desaparece dentro dos muros universitários, por mais que, às vezes, as forças sociais no interior do ambiente acadêmico sejam bem diferentes, no quesito de intensidade, do que existe fora dele. Partidos ou agrupamentos de pouquíssima capilaridade no cenário político nacional podem, em determinada instituição, aparecer superdimensionados.

É o caso, por exemplo, da AP. A partir do diálogo com as fontes notamos que a organização se torna, rapidamente, uma das maiores forças do movimento estudantil, contando com o apoio, em muitos casos, da juventude comunista do PCB. Contudo, os maiores partidos políticos do Brasil, naquele momento, eram o PTB, do presidente da República, o Partido Social Democrático (PSD), de onde provinha Juscelino Kubitschek e a União Democrática Nacional (UDN), do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, que tinha um filho estudando na PUC-Rio durante a primeira metade dos anos 1960.

Na PUC-Rio, portanto, alguns alunos mais alinhados à direita não deixaram de procurar dar eco às suas posições, de maior aderência com a política externa norte-americana, por exemplo. Isso fica claro a partir da análise de fontes que tratam da repercussão desse manifesto pró-Cuba que foi lançado pelo DCE. Tais alunos conseguiam espaço em jornais como O Globo para expor suas insatisfações com os rumos de entidades estudantis como a UNE, o que fica exemplificado a partir do exame das figuras 1 e 2 que aparecem a seguir. Percebe-se que as disputas internas, na PUC-Rio, não eram hegemônicas completamente pela esquerda, pois, pelo menos a partir de matérias jornalísticas, vemos que o centro acadêmico de Direito, denominado Centro Acadêmico Eduardo Lustosa (CAEL), que também, em outra gestão, já havia sido composto por Aldo Arantes anteriormente, tratou de renegar o manifesto favorável à Fidel Castro no impasse que vivia Cuba naquele momento. Essa expressão da diversidade e do conflito entre direita e esquerda na PUC-Rio acabou por resultar em episódios de violência poucos anos depois. Após o golpe militar de 1964, alunos de Engenharia chegaram a invadir e depredar o diretório de sociologia alegando estarem defendendo a Universidade da infiltração comunista.

A escolha pelo jornal O Globo para servir como fonte primária deste trabalho se deu pela recorrência com que pessoas relacionadas, de algum modo, ao movimento estudantil no período aqui estudado o citam, em entrevistas, como um órgão de imprensa que combatia claramente o

maior direcionamento da UNE para a esquerda do espectro político. Dessa maneira, ele serviria para termos noção de como o país estava passando por um período de agitado embate entre orientações políticas que, muitas vezes, não se chocam apenas no campo das disputas de ideias, mas também de maneira mais violenta. Todavia, vale dizer que essa é uma opção inicial. A partir do desenvolvimento desta pesquisa, há a pretensão de ampliar o leque de fontes jornalísticas.

É curioso notar, entretanto, que Aldo Arantes, em entrevista dada à Jalusa Barcellos chegou a afirmar que o combate d'O Globo com relação ao movimento estudantil organizado, servia, às vezes, como propaganda indireta para que as ações da UNE encontrassem um respaldo e uma aceitação da juventude ainda maior [5]. Algo que foi reafirmado durante sua entrevista para auxiliar nesta pesquisa. Ele, também, cita o filho de Carlos Lacerda, provavelmente Sebastião Lacerda, como uma das mais destacadas figuras direitistas do corpo discente da Universidade [6]. É necessário pontuar que a principal referência para a utilização de entrevistas e, conseqüentemente, de fontes orais para este trabalho é o texto *O que documenta a fonte oral?* [7] da professora e historiadora Verena Alberti. Ela destaca, acerca da história oral, que:

(...) sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado *tomados como dados objetivos*, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado. [8]

Dessa maneira, a autora faz questão de levantar a tese de que a memória sobre qualquer acontecimento é um campo de disputa, sem deixar de atentar-se que as forças em conflito costumam ter desiguais posições de poder. Todavia, essa percepção ajuda, nesta pesquisa, a compreendermos que temas como movimento estudantil nos anos 1960 e suas organizações e práticas políticas não podem ser encarados como idealizações perfeitamente coesas e sem contradições. Ao mesmo tempo, há o entendimento de que a memória não é apenas um esforço de reconstrução do passado, mas um empenho de compreensão do presente e de edificação de projetos para o futuro. Desse modo, quando elaboro raciocínios sobre o período aqui estudado no diálogo com as fontes, estou, decididamente, falando de reminiscências que agem ou falam sobre os dias de hoje no meio social onde estou inserido, a partir de minhas experiências e especificidades, mas que, ao alcançar outras pessoas, pode tomar novas formas e rumos, a partir de outras chaves de interpretação.

Diretórios da PUC Não Apóiam Manifestação a Favor de Fidel

A DIRETORIA do Centro Acadêmico Eduardo Lustosa, da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica, deliberou desautorizar, publicamente, o presidente do Diretório Central de Estudantes, Aldo Arantes, pela divulgação, na imprensa, de uma nota acerca da situação cubana, em nome do corpo discente daquela universidade, e do envio de um telegrama ao Presidente da República, pedindo uma definição contra o Governo norte-americano.

O presidente do Diretório é acusado de violar todos os princípios de ética, que impunham fossem os demais diretórios acadêmicos consultados, antes de ser emitida uma definição de tal ordem, sobre matéria de tamanha relevância. O Centro Acadêmico distribuiu nota de descrédito ao estudante Aldo Arantes, afirmando que o que foi divulgado sob sua responsabilidade não representa o pensamento da maioria dos alunos de Direito da P.U.C. O comunicado diz, mais, que "ainda não há tempo, sequer meios e dados suficientes, para se precipitar um pronunciamento com a devida isenção", esclarecendo a posição de sobriedade em que se mantém, sem que isto signifique solidariedade ao regime de Castro. O Centro Acadêmico conclui dizendo que "nada justifica e legitima inferir que condenemos os que lutam contra o jugo de Fidel Castro, arriscando suas vidas por um ideal de libertação de sua Pátria".

AGREDIDA A MENOR A BARRA DE FERRO

EM estado de coma, com ferimentos na cabeça e no rosto, produzidos a barra de ferro, a menor R. H. S. (14 anos, branca, solteira) foi internada no Hospital de Magé. Vivera em companhia de Nilo Lopes (prêto, solteiro, 23 anos), a quem abandonara em virtude de maus tratos, depois de obrigada, sob ameaças, a fugir da casa de seu tio, José Marques de Sousa, para onde voltara. A Polícia de Magé está à caça do criminoso, que se acredita estar homiziado nas matas de Orindi.

DEPILAÇÕES CC

Mme MATTOS atende com
57-8845. Limpa os pêlos e embe

Figura 1¹

¹ *Diretórios da PUC não apoiam manifestação a favor de Fidel. O Globo, Rio de Janeiro. 27 de abril de 1961. Página 15.*

PROTESTO CONTRA O MANIFESTO ATRIBUÍDO AOS ALUNOS DA PUC

Estudantes Dizem Que se Trata de Documento Redigido Por um Pequeno Grupo de Extremistas Que Não Representa o Pensamento do Corpo Discente, Daquela Universidade

EM carta a O GLOBO, os estudantes José Carmelo Brás de Carvalho, Luiz Oscar Dubeux Pinto e Tomás A. W. Dwyer prestam esclarecimentos sobre um manifesto atribuído aos alunos da Pontifícia Universidade Católica, dizendo que tal manifesto é de autoria de um pequeno grupo de tendências ultra-esquerdistas e não representa, de modo algum, o pensamento do corpo discente daquela Universidade.

Explicando que a eleição do universitário Aldo Arantes para a presidência da U.N.E. foi o corcamento da ação de elementos ligados aos comunistas, lembram que, antes, o Diretório Central dos Estudantes da PUC promovera uma "Semana Social" de cunho nitidamente vermelho para a qual foram convidados conhecidos isebianos, que pregaram suas idéias extremistas. Por outro lado, o pequeno grupo que redigiu o manifesto — alguns deles inteiramente estranhos aos meios estudantis — também elaborou uma reforma universitária de orientação comunista em que se define a posição do D.C.E. da PUC em favor da escola "pública" e de repúdio ao projeto de Diretrizes e Bases da Educação.

O estudante Aldo Arantes — dizem ainda os signatários da carta — mais suspeito se tornou ao telegrafar ao Presidente João Quadros, no dia da invasão de Cuba, dando apoio a Fi-

del Castro, em nome do Diretório, embora não haja consultado, para isso, quem quer que seja, numa flagrante violação dos estatutos do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica.

Terminologia Marxista

Os estudantes José Carmelo, Luiz Oscar e Tomás Dwyer chamam ainda a atenção para o

fato de o manifesto atribuído aos alunos da PUC se caracterizar por uma terminologia marxista, além de esposar idéias do Padre Teilhard de Chardin desaprovadas pela Congregação do Santo Ofício que, em resolução de 13 de novembro de 1957, mandou retirar as obras desse sacerdote das bibliotecas dos institutos religiosos.

Impostura

Depois de afirmarem que o manifesto atribuído aos alunos da PUC não é mais do que um balela, uma impostura, os signatários da carta informam que, contra o documento, já se pronunciaram professores e estudantes daquela Universidade, além de sacerdotes e leigos, que têm condenado a ação comunista do atual presidente da U.N.E. e de seu grupo.



PILOGENIC

Rua 1.ª de Março, 17

**CAIXAS
DE AÇO
PARA INDÚSTRIAS**

Figura 2²

Retornando ao raciocínio sobre a UNE, quando a entidade, dirigida por um aluno católico, filia-se a União Internacional dos Estudantes, entidade com sede em Praga, na época a capital da Tchecoslováquia, uma república socialista, o cardeal Dom Eugênio protestou e Aldo Arantes acabou expulso da JUC [9]. Em seu livro de memórias, *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*, o professor Luiz Alberto Gómez de Souza também relata esse episódio da expulsão de Aldo, pontuando que o então cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara não admitia essa aliança com comunistas nem nacional e nem internacionalmente [10]. Duas faces daquele Brasil do início dos anos 1960 mais uma vez ficam claras com este episódio: uma orientação anti-imperialista e de viés socialista por parte de um setor do movimento estudantil

² *Protesto contra o manifesto atribuído aos alunos da PUC. O Globo, Rio de Janeiro. 25 de julho de 1961. Página 3*

organizado que conseguiu conquistar a presidência da UNE, portanto de relevante base social entre os universitários, e um fortíssimo anticomunismo que se expressava nas elites e no alto escalão da Igreja Católica.

As já citadas Reformas de Base que encontravam eco nas esquerdas do movimento estudantil eram entendidas, por essa camada, como fundamentais. Mas não apenas as que tratavam da reforma agrária ou da limitação do envio de remessas de lucro para o exterior por parte das empresas estrangeiras que aqui atuavam, por exemplo. Os estudantes compreendiam a Reforma Universitária também como um passo primordial para a construção de um país soberano e menos injusto socialmente. Desse modo, lutavam por universidades mais acessíveis para o grosso da população e preocupadas com o estudo dos problemas e das soluções para o desenvolvimento do Brasil não apenas no campo do crescimento econômico, mas com maior distribuição da riqueza e, por conseguinte, menos desigual. Além disso, havia a defesa intransigente da escola pública universal e gratuita, o que também gerava atrito com a Igreja Católica, principalmente com a Associação dos Educadores Católicos (AEC) [11]. Por conta de tudo isso, a UNE, naquele momento, foi uma força notável na anteriormente mencionada Campanha da Legalidade. O reconhecimento do movimento estudantil organizado como uma importante força política no início dos anos 1960 mostra-se claro quando, após a posse, ainda sob o parlamentarismo imposto, João Goulart agenda uma visita ao prédio da UNE e se reúne com os membros da entidade, discursando e ouvindo uma fala de Aldo Arantes. É possível perceber que a base estudantil estava interessada no avanço das reformas, na garantia da continuidade de uma política externa brasileira independente e na criminalização daqueles que queriam impedir a posse de Jango, o que era interpretado como uma manobra golpista. Concomitantemente, nota-se como o jornal O Globo expressava de modo muito claro seu anticomunismo, desprezando as palavras de ordem que eram gritadas pela plateia na ocasião. Também é citada uma polêmica no que tange a qual deveria ser o tratamento dado aos atores sociais que haviam se organizado no sentido de barrar a chegada de João Goulart à presidência da República. Aparentemente, havia quem se expressasse de forma favorável à criminalização desses atores, o que não era bem quisto por todos os setores do governo e, muito menos, pela oposição. Todavia, fica impossível não relacionar esse evento de falta de combatividade para com os elementos golpistas ao que viria a acontecer em 1964. Na Figura 3, apresentada a seguir, temos uma matéria chamada *Comunistas tentaram perturbar a visita do presidente à UNE*, no periódico já citado que relata a visita do presidente ao edifício da entidade estudantil.

No subtítulo *Isso não* da matéria, é possível ler:

Em dado momento, o Sr. Aldo, em atendimento a pedidos de muitos comunistas presentes - que gritavam “punição para os golpistas”, “abaixo o parlamentarismo” e, inclusive, “paredón” - passou a pedir o empenho do Presidente João Goulart - de sobrancelhas cerradas - para a “queda do dispositivo golpista”. Entretanto, da assistência houve quem pedisse que o orador se calasse ou prosseguisse sem alusões ao “dispositivo golpista”, e que fazia com que fossem redobrados os aplausos dos comunistas presentes. Próximo a um dos auto-falantes, ouviu-se perfeitamente a voz que interceptou o discurso do estudante Arantes repetir: “Isso não! Isso não!”. [12]

COMUNISTAS TENTARAM PERTURBAR A VISITA DO PRESIDENTE À UNE

Falando de Improviso, o Sr. João Goulart Não Deu Atenção Aos Agitadores — Abriu, Com Vários Ministros, os XIII Jogos da Primavera — Conferência Com o Cardeal Câmara

FOI DOS mais intensos o dia de sábado para o Presidente João Goulart, que se acha desde sexta-feira na Guanabara. Na parte da manhã, conferenciou com o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara; às 15h 20m, chegava ao Estádio do Fluminense Futebol Clube para a solenidade de abertura dos XIII Jogos da Primavera; às 19h 30, deixou o campo das Laranjeiras, com destino à Cinelândia, onde, em companhia do Primeiro-Ministro Tancredo Neves e do Sr. Oliveira Brito, Ministro da Educação — depositou uma "corbeille" junto ao busto do Ex-Presidente Getúlio Vargas. Em seguida, dirigiu-se à sede da União Nacional dos Estudantes, na Praia do Flamengo, para a cerimônia de abertura do XVIII Congresso Universitário da União Metropolitana de Estudantes e, finalmente, seguiu para o Aeroporto do Galeão, a fim de encontrar-se com o Presidente Arturo Frondizi, da Argentina.

Nas Laranjeiras

Acompanhado de vários Ministros de Estado, o Presidente João Goulart e o Sr. Tancredo Neves assistiram à toda a cerimônia de abertura dos Jogos da Primavera. No encerramento do desfile de clubes e colégios participantes do certame e após acesa a pira olímpica, o Presidente disse apenas: "Considero abertos os XIII Jogos da Primavera de 1961".

Na tribuna de honra, viam-se o Ministro Franco Montoro (Trabalho); Ministro Segadas Viana (Guerra); Ministro Oliveira Brito (Educação); Ministro Clóvis Travassos (Aeronáutica); General Floriano Peixoto Keller; Major Gama e Sousa, ajudante-de-ordens do Presidente da República, e várias outras figuras de projeção do mundo político, militar, desportivo, intelectual e social nacional.

Aplausos

Sob intensa ovação, o Presidente da República penetrou no Estádio do Fluminense. O público todo gritava o seu nome e o aplaudia de pé. Quando S. Ex.^a deixava o campo do Fluminense, por volta das 19h 30m, grande massa popular concentrou-se no portão de acesso ao saguão principal do estádio. Os residentes nas Ruas Alvaro Chaves, Pinheiro Machado, Farani e adjacências, das janelas iluminadas, chamavam pelo Presidente. Este permaneceu o tempo todo sorridente, acenando para o público.

Na Cinelândia

Durou pouco mais de vinte minutos a estada do Sr. João Goulart com o grande número de populares e partidários políticos que o aguardava na Praça Floriano, junto ao busto do ex-Presidente Vargas, totalmente coberto de flôres. O Presidente Goulart deu duas voltas pelo quadrilátero limitado por cordões de isolamento, sempre muito sorridente e todas às vezes aplaudido. Viam-se numerosas faixas pedindo "punição para os golpistas", pagamento da paridade ou, simplesmente, continham elogios à atuação do General José Machado Lopes ou à do Governador Leonel Brizola, durante os últimos acontecimentos de agosto. As associações de classe e sindicatos aproveitaram, também, a oportunidade para reivindicações salariais.

Flôres

Ladeado pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves e pelo Major Gama e Sousa, seu ajudante-de-ordens, o Sr. Goulart depositou a "corbeille" no busto de Getúlio Vargas e repetiu o ato por duas vezes, atendendo às solicitações do batalhão de fotógrafos. Eram 21h 15m quando S. Ex.^a e comitiva seguiram para a União Nacional dos Estudantes.

Na UNE

Sob os brados de "viva o campeão da legalidade", "plebiscito imediato", "política externa independente", o Sr. João Goulart chegou à U.N.E. às 21h 20m. Recebeu-o o acadêmico Aldo Arantes, presidente da entidade, elogiando os seus primeiros dias de Governo, seus atos e discorrendo — sob aplausos de conhecidos agitadores — sobre o que sua posse representou para os estudantes, para os operários e para a Nação. afirmou que "os estudantes brasileiros esperam que o Sr. João Goulart e o Ministério mantenham as bases da atual política externa brasileira".



O Presidente João Goulart acenando para a assistência, na sede da UNE

leira". Acrescentou que era ele o primeiro Presidente da República a visitar as instalações da U.N.E. e que, naquela oportunidade, os estudantes e os operários que ali estavam depositavam um voto de confiança em sua atuação.

"Isso Não"

Em dado momento, o Sr. Aldo Arantes, em atendimento a pedidos de muitos comunistas presentes — que gritavam "punição para os golpistas", "abaixo o parlamentarismo" e, inclusive, "pardón" — passou a pedir o empenho do Presidente João Goulart — de sobranceiras cerradas — para a "queda do dispositivo golpista". Entretanto, da assistência houve quem pedisse que o orador se calasse ou prosseguisse sem alusões ao "dispositivo golpista", e que fazia com que fossem redobrados os aplausos dos comunistas presentes. Próximo a um dos alto-falantes, ouviu-se perfeitamente a voz que interceptou o discurso do estudante Arantes repetir: "Isso não! Isso não!"

"Amizade"

Entre os brados ouvidos na reunião, "amizade com todos os povos", "autodeterminação" e "política externa independente" foram os mais repetidos. Quando os presentes passaram a gritar "plebiscito", "abaixo o parlamentarismo" etc., o acadêmico Aldo Arantes concluiu seu discurso, dizendo que o operário e o estudante esperam que o Sr. Goulart consiga governar da maneira mais democrática possível.

Agradecimento

Em seu discurso de agradecimento, de improviso, disse o Sr. Goulart confiar no patriotismo dos estudantes brasileiros e louvar o Gabinete dirigido pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves. — Uma das minhas primeiras preocupações logo após a posse, foi procurar restituir a ordem e a lei ao País. Penso que obtivemos êxito. Por outro lado, a autodeterminação para todos os povos não ficou apenas em palavras. Está nas recentes declarações e pronunciamentos do Senador Afonso Arinos. Está na posição assumida pelo ilustre representante brasileiro junto à Organização das Nações Unidas. Internamente, procuraremos realizar um Governo realmente voltado para os interesses e aspirações do povo brasileiro. Indiferentes a quaisquer formas de pressões que se nos apresentem. Mas, para que esse Governo alcance os objetivos e os sucessos que os brasileiros merecem, temos que contar com o apoio do povo e dos estudantes. E, graças a Deus, até agora este apoio não nos tem faltado.

Figura 3³

É nesse contexto que a UNE, ainda sob o mandato de Aldo Arantes, decide circular pelo país com um projeto chamado UNE-Volante, que seria responsável por publicizar essas e outras demandas dos universitários por vários estados, com foco em expandir o movimento estudantil e garantir as almeçadas conquistas. Nessa conjuntura, também foi criado o CPC (Centro Popular

³ *Comunistas tentaram perturbar a visita do presidente à UNE. O Globo, Rio de Janeiro. 25 de setembro de 1961.*

de Cultura), que viajava junto com a UNE-Volante, organizando intervenções artísticas que tratavam dos temas em questão.

(...) nós mobilizávamos os estudantes com a questão da reforma universitária, e consolidávamos as entidades estudantis. Paralelamente, criávamos novos CPCs. No curso da UNE Volante, criamos doze CPCs pelo Brasil, entre os quais o CPC da Bahia, onde surgiu Glauber Rocha. [13]

Mas não foi só isso, a gestão de Aldo na UNE é vista como um período muito intenso de mobilização da entidade estudantil nas mais diversas lutas, articulados com setores sociais variados. Na dissertação de Karolina Kneip de Sá, *Ação Popular do Brasil: da JUC ao racha de 1968*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, essas atividades ficam claras:

A gestão de Aldo Arantes à época foi a mais dinâmica da UNE, principalmente no que concerne às conversações e mobilizações com outros setores sociais, como o operariado e o campesinato, participando do I Congresso dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil, que contou com cerca de cinco mil pessoas em Belo Horizonte. A UNE também apoiou a resistência anti-salazarista e outros movimentos sociais mundiais. (...) Os estudantes (...) inseridos na organização ainda se envolveram fortemente na luta dos estudantes secundaristas, principalmente na defesa do ensino público gratuito e de qualidade. [14]

O caráter eminentemente político e de esquerda da UNE nesse período, ainda mais por estarem sendo delineados por uma entidade com um presidente que se dizia cristão, não deixavam de causar atritos com cardeais da Igreja Católica, como já foi citado, que também recorriam à imprensa para demonstrar descontentamento com os rumos do movimento estudantil. É possível encontrar matérias no O Globo que dão voz ao Cardeal Dom Jaime mostrando-se revoltado com as orientações do movimento estudantil e da UNE em particular, referindo-se claramente à UNE-Volante e ao CPC, portanto, como um movimento inoportuno e indébito por seu caráter comunista, subversivo e anti-EUA. É este um dos conteúdos da figura 4, apresentada a seguir, a matéria *Inquieta os Arcebispos a ação subversiva da UNE, revela o Cardeal D. Jaime*. No subtítulo *Os arcebispos contra a UNE*, inclusive, pode-se ler:

“Provavelmente, o meu bom amigo ouvinte deseja saber quais os resultados de minha consulta aos Exmos. Srs. Metropolitanos. Dir-lhe-ei que, embora ainda nem todos tenham podido responder, já possuo dos 28 Arcebispos do Brasil 17 cartas, além de telegramas suficientes para verificar o desagrado e a preocupação ante as manifestações da UNE-Volante, a infestar os Estados, prejudicando a classe estudantil da qual a Pátria tem o direito de muito esperar.”. (...)

“Julgo de absoluta necessidade um combate ‘a UNE, eivada de comunismo e dominada por sequazes de Moscou. Apoio V. Em.^a em sua luta contra a infiltração comunista e estou pronto a colaborar com V. Em.^a nesta campanha. Caso preciso, irei mesmo ao Rio para trocar ideias com V. Em.^a e concertar um plano de ação conjunta.”.

[15]

Esses embates, todavia, revelam um importante sintoma de uma transformação pela qual passava a Igreja Católica enquanto instituição e no que diz respeito ao caráter de seus fiéis nos anos 1960. Num processo de compreender melhor essas diferentes perspectivas de catolicismo, buscarei, futuramente, inteirar-me sobre quais eram as principais influências que permitiram o surgimento de uma práxis entre os católicos, sejam eles jovens estudantes universitários ou não, que os aproximou da esquerda do espectro político e que, por conseguinte, gerou essa incisiva reação conservadora. Para isso, acredito que precisarei pesquisar sobre o mandato do papa João XXIII e sobre importantes padres intelectuais como o Henrique de Lima Vaz, que prestou um papel basilar como teórico da AP, influenciando decisivamente uma parcela considerável de jovens militantes de esquerda, portanto. O acervo do Arquivo da Província dos Jesuítas do Brasil, na Rua da Bambina, em Botafogo, será uma fonte muito importante para essa futura etapa da pesquisa. A PUC-Rio e as atuações de seu movimento estudantil também servem como um palco privilegiado para observar essas contradições e esses choques.

Inquieta os Arcebispos a Ação Subversiva da UNE, Revela o Cardeal D. Jaime

O CARDEAL D. Jaime de Barros Câmara, em sua palestra de ontem na Rádio Vera Cruz, em "A Voz do Pastor", apoiado no depoimento de vários arcebispos, mostrou como se desenvolvem as atividades subversivas da União Nacional dos Estudantes (UNE). Disse:

Reação

"Passado o primeiro espanto, reagem, indignados, os democratas. Aparentando-se do microfone, à força, o presidente da mesa, Rodoval José Alves, vice-presidente da UESC (União dos Estudantes de Santa Catarina), ali ali, postergado pelos injúrias, desmascarados de frente, sob estrondosos aplausos da assistência, já ansiosa por essa oportunidade, o denuncia o golpe baixo que os estudantes comunistas tentavam dar com a sua doutrinação vermelha, advertindo-os de que levantaria a sessão, se não mudassem de atitude. Um dos participantes, por sua vez, pede a palavra e, no mesmo tom, rebate o Socialismo e a Revolução ali pregados e o ódio idiota contra o povo americano, de cujo auxílio substanciais muitos cidadãos necessitados, inclusive do Crisiúma, são beneficiados. A assistência aplaude e bradava "está na hora". Sempre sob aplausos, o orador convida os presentes a abandonarem o recinto, o que foi feito incondicionalmente, quase totalmente, permanecendo, a pé na sala, um grupo que cercava os visitantes, rasgando toda a propaganda subversiva que tinham distribuído com o intuito de, por qualquer modo, atingir seu objetivo. Se as salas os quatro indisciplinados da UNE, que se abandonaram a ridículo, num coro oferecido pelos estudantes democratas".

Aos Estudantes

"Ora, meu caro ouvinte, sabendo, pela imprensa, que a UNE-volante começara seu giro revolucionário pelos Estados, estive, como presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aos Exmos. Srs. Arcebispos, consultando Suas Reverências, dissiplinas sobre a conveniência de serem desmascaradas essas incursões inoportunas e indebitas, que perturbam a indispensável tranqüilidade na classe estudantil, impedindo-a de se preparar convenientemente para o futuro, seu e do Brasil, ou seja, ditando-a de seu específico dever, que é estudar. Não se trata de impedir, na juventude, a natural e justa evolução (e não revolução) para melhorar suas condições de vida e de estudos. Todos querem, e a Igreja não menos, o aprimoramento dos métodos de formação e a valorização dos dotes intelectuais, físicos e morais da mocidade. Ninguém lhe recusa o direito de, cada vez mais, desenvolver a personalidade. Antes, pelo con-

esta hora, e pai ou mãe de família? E jovens? Talvez estudantes? Tanto melhor, pois interessa-lhe o que as "Notícias Católicas" divulgaram: "Crisiúma, Santa Catarina, abril, 13 — Vindos do Rio de Janeiro, apresentaram-se em Crisiúma, a 27 de março p.p., sem prévia comunicação à própria União dos Estudantes local, que-

irário. Todos lhe aplaudem o idealismo e auguram os louros da vitória nos vários campos de atividade, apropriados à sua idade e condição de estudantes. E é por isso mesmo que lhes dirigimos nossa palavra amiga, seja de animação, como, também, de conselho e advertência. Diz o provérbio: "Quem te avisa, teu amigo é".

Os Arcebispos Contra a UNE

"Provavelmente, o meu bom amigo ouvinte descobrirá saber quais os resultados de minha consulta aos Exmos. Srs. Metropolitanos. Dir-lhe-ei que, embora ainda nem todos tenham podido responder, já posto dos 18 Arcebispos do Brasil 17 cartas, além de telegramas, solicitações para verificar o denunciado e a preocupação ante as manifestações da UNE-Volante, a infestar os Estados, prejudicando a classe estudantil, da qual a Pátria tem o direito de muito esperar. Das epístolas enviadas pelos Exmos. Srs. Arcebispos, vou ressaltar apenas alguns tópicos. Não citarei nomes, porém, conservo em meu poder os originais:

"Julgo de absoluta necessidade um combate à UNE, elevada de comunismo e dominada por sequeiros de Moscou. Apóio V. Em.ª em sua luta contra a infiltração comunista e estou

pronto a colaborar com V. Em.ª nesta campanha. Caso preciso, irei mesmo ao Rio para "ocar idéias com V. Em.ª e concertar um plano de ação conjunta". Outro: "Com referência à UNE, coloco-me à inteira disposição de V. Em.ª, e, com prazer, receberei as instruções que se dignar remetêr-me a respeito. É sempre melhor prevenir do que procurar corrigir depois do mal feito".

Representação

Episcopal

Escute mais este: "Acompanhando um recorte de O GLOBO, em que V. Em.ª solidarizava-se com o Exmo. Sr. Arcebispo de Porto Alegre, na questão de auxílios do Governo à UNE recebi a consulta sobre a conveniência de uma frente episcopal em face das injúrias investidas da UNE. Respondi, por telegrama, afirmativamente. Não tendo visto ainda algo sobre isto, julguei dever me confirmar aquela resposta por esta carta. Penso que é urgente uma representação episcopal, numerosa quanto possível, para exigir do Sr. Presidente da República a cessação desta injustiça, dessa proteção ao comunismo, quando as instituições

ANTIGUIDADES
CASA ANGLO-AMERICANA
COMPRA E VENDE
Rua Gago Coutinho, 73 - 25-0618

Esteja em Dia Com Seus Pagamentos...

Crédito é uma consequência. Uma ficha limpa, uma boa informação facilitam muito a vida. Mais de duas mil casas de diversas especialidades desde o armazém de gêneros ao banco ou do colégio ao proprietário de imóveis e o dentista servem-se do cadastro do Serviço de Proteção ao Crédito, onde ficam anotadas as irregularidades graves em matéria de pagamentos de prestações ou mensalidades. Cuidar seriamente de seu crédito e mantenha limpa sua ficha, para gozar do benefício da ação social do crédito.
Av. Presidente Vargas, 463 — 3.º andar — Grupo 301.

IAPETC

Secretaria do Conselho Administrativo
Serviço de Divulgação

ARQUIVOS, CIRCULADORES, MÁQUINAS ETC.

Chamamos a atenção dos interessados para o Edital de Concursos Públicos n.º 12/62 relativo à aquisição de Arquivos e Ficheiros de App, Ventiladores e Circuladores de Ar, Máquinas de Calcular, Somar e Escrever, publicado no "Diário Oficial" do Estado da Guanabara, Seção I — Parte I, fls. 12.901, de 23 de maio do corrente ano, de acordo com as determinações do Diretor da Divisão de Material.
Abertura: dia 13/6, às 16 horas, à Av. Graça Aranha, 35, sobrelaja.

ARNALDO VIEIRA JUNIOR
Redator
Chefe de S.D.

representantes da UNE, da UBESI e UCES, convocando, ruidosamente, os estudantes locais, trabalhadores e o povo em geral, para uma assembléia, de agenda de trabalhos aparentemente inofensiva. Mal dão início à reunião, assumem-lhe o controle e, passando o microfone de um para outro, entram a tratar de assuntos políticos comple-

legítimas vivem apereçadas e, ate, prejudicadas, com prestação de contas, a que, segundo me consta, não se obriga a UNE.

Perigo Para a Juventude

Mais outro testemunho: "Em minhas mãos a consulta de V. Ex.ª a respeito das atividades comunistas da UNE. No momento em que regebo a consulta, o estado-maior desta organização se encontra aqui em... levando ao teatro duas peças em que prega a revolução. O presidente Aldo, em conferência com Dom... sutença que é cristão, mas, na direção da UNE, tem que seguir a linha do movimento que a mesma adota, o marxismo. É de fato, insolente. Parece que o Episcopado tem sido demasiado benevolente. Estou de pleno acordo com a denúncia oficial da Igreja à Nação, relativa ao perigo que a UNE representa para a juventude. Acho também que o mal está sendo alimentado indebitamente, com os recursos do povo. Pediria honça a V. Ex.ª para consultar também se seria, ou não, conveniente estimular a criação de uma organização nacional de estudantes, pautada em princípios cristãos. A associação única, como o sindicato único, é responsável pelo mal que se está a lamentar. Essa lembrança, porém, não representa condição para a aprovação que estou dando, sem restrições, à medida sugerida na consulta de V. Ex.ª"

Trocaram o Bispo

Pelo Juiz

Queira ouvir ainda este depoimento: "Estou compartilhando das apreensões de V. Ex.ª a respeito da infiltração comunista no meio estudantil. A volante da UNE esteve aqui, com seu teatro. Por influência da JOC, eles abraçaram um pouco os programas comunistas. Substituíram, p. ex., a figura de um bispo escandaloso por um juiz... Um dos membros da diretoria, Alvaro, visitou-me e tentou demonstrar o trabalho, bem que ele e Aldo Arantes estariam fazendo na diretoria, impedindo males maiores. Declarou que eram orientados por um Padre Vas, SJ, e por um Padre Lage, no Rio. Houve reação na imprensa, assim com transcrições de solidariedade de V. Ex.ª a D. Vicente Seberer. Isso bastou para que Aldo Aran-

tes escrevesse injuriando V. Ex.ª e demonstrando que a UNE não recebe 30 milhões e, sim, muito menos, e que presta contas de tudo ao Governo. Suspeito até que essa carta tenha sido escrita por outro comunista, pois já havia seguido para... Nas comemorações de 1.º de Maio, protestei publicamente contra as injúrias a V. Ex.ª e, em consequência, o Circulo Operário che-gou a publicar um protesto pelos jornais. Quanto à campanha contra ele, estou planejando o acordo, porém seria interessante V. Ex.ª chamar os dois sacerdotes acima citados, para se inteirar bem da situação. Penso que a campanha não deve limitar-se a simples condenação pelo rádio ou pela imprensa.

Também propõe ação este outro arcebispo:

"Quanto à UNE, parece-me que o mais eficiente seria uma boa arregimentação de estudantes católicos (militantes autênticos), no sentido de fazer aquela entidade estudar e realizar suas verdadeiras finalidades".

Enfim, para terminar: "Indefadado," sempre com o zelo vigilante de V. Ex.ª e com sua humildade, estou disposto a assinar qualquer pronunciamento de V. Ex.ª ou do Episcopado". Porém, basta de citações. Não quero fatigar o paciente ouvinte. Apenas convide-o a colaborar, no sentido de favorecer a nossa querida juventude no decurso de sua vida e sobre si de se preparar integralmente para as lutas e vitórias do futuro".

Carros Sem Licença Vão Ser Apreendidos

Os carros que ainda não receberam licença para o corrente ano estão sujeitos à apreensão pelas autoridades do Trânsito. Para seus associados, o Touring Club do Brasil mantém um Departamento de Assistência Administrativa, onde poderá ser regularizada a situação dos carros, mediante pagamento de multa regulamentar.

Ameaçada a Experiência do Trigo em Pernambuco

RECIFE, 1 (Especial para O GLOBO) — Por falta de máquinas apropriadas, talvez seja

Figura 4⁴

3.3 - Questões ideológicas a respeito das produções artísticas engajadas do período

A conjuntura de formação do CPC, todavia, não estava restrita ao movimento estudantil. As esquerdas do período também debatiam internamente de que forma produziram obras de

⁴ *Inquieta os arcebispos a ação subversiva da UNE, revela o Cardeal D. Jaime. O Globo, Rio de Janeiro. 02 de junho de 1962.*

arte engajadas. Muitas vezes chamado de sectário, o CPC, pelo menos num primeiro momento, optou por instrumentalizar politicamente a arte, dando principal atenção ao seu caráter didático. Isso fica mais claro nos embates com outro movimento de jovens artistas que surgia no período, o Cinema Novo, cuja a história está totalmente entrelaçada com o CPC, até porque surgem quase concomitantemente, com muitos artífices tendo passado ou orbitado pelos centros, como o já citado Glauber Rocha e como outro ex-aluno da PUC-Rio, Carlos Diegues, que evidencia as diferenças entre os projetos, ao mesmo tempo que deixa claro que a identidade de um foi criada, de certa forma, para diferenciar-se do outro.

Acontece que, da ideia de uma cultura nacional-popular, a posição hegemônica dentro do CPC evoluiu para uma instrumentalização da cultura como braço da luta política. Melhor dizendo: instrumentalização da arte como braço cultural da luta política. Na verdade, a posição hegemônica do CPC ignorava algumas qualificações do produto artístico que para nós eram fundamentais, porque trazíamos toda a ideia vigente, sobretudo na Europa, de um cinema de autor, de vanguarda formal, numa tentativa de revolução formal. [16]

Essa dificuldade na conciliação de pensamento entre os cinemanovistas e os cepecistas aparece relatada em muitas fontes. No prefácio do livro *O melhor teatro do CPC da UNE: parte I*, por exemplo, Fernando Peixoto, ex-diretor do Instituto de Teatro da Fundação Nacional de Artes Cênicas do Ministério da Cultura e autor de diversos livros sobre teatro, afirma que Glauber Rocha, por ter o sonho de ser um artista grande e consagrado, não conseguia se adaptar a um grupo que não buscava fundamentalmente méritos estéticos, mas sim resultados educacionais e políticos. [17]

Sobre o tipo de arte produzida pelo CPC, a maioria dos estudiosos utiliza o texto do Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura, de 1962 e atribuído a Carlos Estevam Martins, o primeiro presidente da organização, como fonte. Este documento é visto como excessivamente sectário e panfletário na sua noção de construção de um produto artístico. É válido afirmar que, sociólogo de formação, Estevam não era propriamente um artista e nem tinha pretensões de tal. Sua principal preocupação era, de fato, a militância política. Após aprofundar-se na pesquisa, contudo, fica claro que, também, dentro do CPC não havia total coesão entre as formas de compor uma obra de arte e nem de organização, havendo debates e disputas internas. Houve sucessão na presidência cepecista, posteriormente dirigida por Carlos Diegues, por um breve momento, e seguido por Ferreira Gullar, que estava no cargo na ocasião da dissolução dos Centros após o golpe de 1964 e o incêndio no prédio da UNE. Segundo Maria Ceci Misoczky:

Na prática, a ação cultural se antecipava e/ou contrapunha à estruturação organizacional, de tal modo que ao longo dos seus poucos meses de existência o CPC da UNE teve diferentes cronogramas (GARCIA, 2007). No período em que Carlos Estevam Martins esteve na direção (dezembro de 1961 a dezembro de 1962) foi defendido que o CPC "funcionasse como uma empresa, sem fins lucrativos, é claro; mas como empresa", como ele recorda em um texto publicado em 1980. Vianinha, que já havia rompido com o Arena por se opor ao modelo empresarial, não aceitava. Durante o período de Martins na direção há registros de conflitos abertos entre eles (MORAES, 2000). O acirramento das disputas sobre o modo de organizar a produção da cultura popular, bem como as disputas teóricas sobre a própria produção da cultura popular (...) levou ao desgaste de Martins, que foi substituído na Presidência do CPC (...). [18]

Deve-se dizer que grande parte dos integrantes do CPC eram ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que, mais uma vez, demonstra certa coesão entre os comunistas e a esquerda do movimento estudantil organizado católico, já que a UNE e o Centro Popular de Cultura trabalhavam de forma conjunta, embora autônoma. Em entrevistas, no entanto, os membros do PCB e do CPC deixam claro que não havia muita interferência partidária no que tange ao conteúdo das obras, havia um respeito à autonomia dos artistas desde que, é claro, não expressassem ideias direitistas ou reacionárias e não fossem diretamente contrárias às diretrizes

tiradas em congresso. Nas palavras de Carlos Nelson Coutinho, um dos principais intelectuais marxistas do Brasil e que, naquele tempo, era militante do PCB:

Se a gente não se metesse em política, [a direção] também não se metia em cultura. Então, você podia defender o que quisesse, tropicalismo ou não, contanto que não dissesse que a luta armada era a solução, ou que Lênin estava superado, que a União Soviética era uma merda. Se você não falasse nisso, acho que ninguém lhe aborrecia. O que explica, ao meu ver, o fato de que só saiu naquele momento do PC quem discorda da linha política. Ninguém saiu do PC porque foi impedido de se expressar culturalmente. [19]

O que apareceu como hipótese possível, a partir da leitura dessas fontes, foi que, fortemente influenciada pela Revolução Cubana e animada com sua perspectiva, a juventude universitária de esquerda organizada, tanto católica, quanto comunista daquele período contava com uma esperança voluntarista que dava à arte uma centralidade no projeto de conscientização popular no sentido revolucionário. Já foi citado, anteriormente, como um manifesto de apoio à Cuba foi o pivô de uma tensão entre os jovens e o alto escalão da Igreja Católica. Se Che Guevara era o herói, apresentando ao mundo a teoria do foco guerrilheiro e, conseqüentemente, da luta armada como caminho para a libertação dos então chamados países do terceiro mundo, no Brasil, tendo em vista que as interpretações majoritárias na esquerda eram contrárias aos projetos armados no período anterior à ditadura militar, parte considerável da juventude parece ter dado para a arte o papel de iniciar focos de conscientização que se alastrariam como uma bola de neve pelos quatro cantos do país. Essa esperança no papel da arte fica clara na fala de vários entrevistados, como Carlos Diegues, que participaram da luta política naquele período.

Estávamos de tal modo convencidos de que iríamos construir um mundo melhor, que nem alimentávamos dúvidas: no dia seguinte o mundo seria feliz e risonho graças aos nossos filmes, peças etc. Então, isso implicava uma responsabilidade tão grande que a vida privada deixava de existir. A escrita privada e a vida pública tinham se tornado um só universo. [...] O trabalho cotidiano e até mesmo as ideias já não nos pertenciam, e sim à comunidade que participava daquilo. [20]

No entanto, não se trata, apenas, de levar arte para o povo, quando o assunto é o CPC. Se nos atentarmos ao que foi dito anteriormente sobre a UNE-Volante, o objetivo não era apenas mostrar o que se fazia emulando um cenário de autor ativo e espectador passivo. O propósito era difundir células e democratizar a possibilidade de autoria por diversos territórios que, como algumas fontes apontam, atuavam com autonomia com relação às outras. Desse modo, se a crença é na arte como uma ferramenta de alto potencial revolucionário, não haveria nada de mais efetivo do que o alastramento de artistas com preocupações sociais por todo o Brasil. Isso vinha acompanhado, também, de campanhas pela alfabetização que chegaram a atuar conjuntamente com o Movimento de Cultura Popular (MCP), projeto de Arraes em Pernambuco que possibilitou o desenvolvimento das técnicas de Paulo Freire. Vale lembrar que, naquele período, os analfabetos não podiam votar e o projeto majoritário da esquerda para o país passava pelas eleições, o que também fica claro no forte e declarado apoio dado ao governo João Goulart e às suas reformas.

Nesse aspecto de formação de novos artistas pelo país, a estratégia dos jovens daquele período parece com as formulações de Walter Benjamin sobre o autor enquanto produtor [21]. Para o autor alemão, quando os escritores estavam conseguindo espaço nas editoras com a publicação de romances socialistas, sem questionar o modo de produção dos livros, eles conseguiam ser perfeitamente absorvidos pelo sistema burguês que se adaptava e lucrava com aquele conteúdo que acabava por se tornar inofensivo, apenas estetizante e gerador de entretenimento. Desse modo, o salto fundamental para os autores seria, a partir de suas obras, conseguir gerar outros autores, ensinar o processo e generalizar a possibilidade de criação. No prefácio do livro *CPC: uma história de paixão e consciência* de Jalusa Barcellos, o dramaturgo Paulo Pontes afirma como o Vianinha, um dos líderes do CPC, autor de diversas peças apresentadas pelo grupo e também renomado ator de cinema, apesar de ter tido uma carreira

curta pela morte precoce, era hábil na arte de transmitir para as pessoas da plateia a certeza de que elas também seriam capazes de escrever sobre suas próprias realidades. [22]

Isso também fica claro a partir do que dizia o poeta Ferreira Gullar, no período em que estava na presidência do CPC, conforme a leitura do livro de Miliandre Garcia, *Do teatro militante à música engajada: A experiência do CPC da UNE (1958-1964)*:

No relatório de 1963, a concretização do movimento de cultura popular dependia da atuação "para" e, sobretudo "com" os grupos sociais porque este último aspecto parecia, nessa ocasião, "o mais importante enquanto eficácia, formando junto aos grupos sociais, com os grupos sociais, núcleos de cultura popular em que o povo deixa de ser recebedor de cultura e assume o papel de criador".

No livro *Cultura posta em questão*, escrito na primeira metade dos anos 1960, Ferreira Gullar afirmou que a conscientização da massa assumida pelo CPC tinha como objetivo transformá-la em produtora de cultura popular (...).

Vinte anos depois, em 1985, Ferreira Gullar ratificou essa posição dizendo que "o CPC não tinha visão paternalista de que o povo não cria nada, mas permanece passivo à espera do CPC. Ele queria fazer arte para e com o povo". [23]

É difícil dizer que os artistas que compunham o CPC tenham tido acesso à leitura de textos de Walter Benjamin durante o período em questão nesta pesquisa, ou seja, pré-1964. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* [24], um dos principais e mais difundidos textos do autor, por exemplo, só foi traduzido para o português em 1969. O professor da Unicamp, Renato Ortiz, afirma que a revista *Civilização Brasileira* publicou um artigo de Adorno e outro de Benjamin em 1968, traduzidos por Fernando Peixoto e Carlos Nelson Coutinho [25]. No entanto, Marcelo Ridenti relata, no livro *Em busca do povo brasileiro*, que ao questionar Nelson Pereira dos Santos, cineasta que é uma espécie de precursor do Cinema Novo, tendo lançado dois longas-metragens de ficção ainda nos anos 1950, *Rio, 40 graus* (1955) [26] e *Rio, Zona Norte* (1957) [27], que, certamente, tiveram uma influência inegável nos cineastas que compuseram o movimento que ganhou corpo no início dos anos 1960 e que Nelson também terminou por fazer parte, obteve como resposta que Leon Hirszman era um ávido leitor de Benjamin. Leon tinha como uma de suas características cruciais o fato de compor tanto com a turma cinemanovista como com a do CPC, não tendo se desligado de nenhuma.

Quando questionei Nelson Pereira sobre as discussões mais estritamente políticas entre os cineastas, a resposta foi que Leon Hirszman era o mais politizado: "O Leon era o dínamo da coisa. Ele tinha realmente a grande formação". (...) "Agora, o Leon era mais Walter Benjamin que Marx.(...) Walter Benjamin, o Leon botou para a gente." [28]

As ligações entre Hirszman e Benjamin aparecem em outras fontes. No livro *Leon Hirszman: o navegador das estrelas*, de Helena Salem, autora de alguns livros sobre cinema, há um capítulo inteiro dedicado ao intelectual alemão e seus cruzamentos de pensamento com as obras e com as palavras do cineasta brasileiro, além da menção da origem judaica de ambos. Os aspectos românticos da teoria benjaminiana parecem encaixar com as esperanças voluntaristas daquela geração de artistas engajados.

Benjamin incorporou o marxismo ao seu pensamento, mas foi "incapaz de tomar uma decisão entre a metafísica e o materialismo", "oscilando a sua simpatia por uma teoria mística da linguagem e a necessidade tão fortemente sentida de combatê-la no contexto de uma visão marxista do mundo". Nele, "utopia, anarquismo, revolução e messianismo estão alquimicamente combinados [...] constituindo uma figura-de-pensamento singular e única" - sustenta Michael Lowy. Benjamin empenhou-se assim na "busca do ponto de convergência possível entre messianismo judaico e internacionalismo proletário, crítica romântica da civilização burguesa e humanismo esclarecido". [29]

A hipótese que surge é que a chegada do pensamento do autor alemão sobre esses artistas e intelectuais pode ter causado uma identificação tão grande, que fica difícil distinguir as coisas quando se apela somente à memória. Ao que parece, o impacto de Benjamin na vida de Leon Hirszman, por exemplo, foi tão forte que após esse contato, ficou aparentando que as ideias do filósofo sempre estiveram lá, mesmo que latentes. Pode ter acontecido uma espécie de chancela teórica, ao perceber que o que se fazia, ou se pretendia fazer, estava em consonância com o que

dizia um importante autor da tradição marxista e frankfurtiana. Desse modo, seria válido pontuar como poderia haver um casamento entre o romantismo revolucionário do período, muito influenciado pela vitória cubana, e essa construção de um aparato difusor de arte e de artistas que fosse capaz de influenciar decisivamente a trajetória política brasileira.

Várias circunstâncias históricas permitiram o florescimento de diversas versões do romantismo revolucionário a partir do final da década de 1950. No plano internacional, foram vitoriosas ou estavam em curso revoluções de libertação nacional, algumas marcadas pelo ideário socialista e pelo papel destacado dos trabalhadores do campo, por exemplo, a revolução cubana de 1959, a independência da Argélia em 1962 e outras, além da guerra anti-imperialista do Vietnã, lutas anticoloniais na África etc. O êxito militar dessas revoluções é essencial para entender as lutas políticas e o imaginário contestador nos anos 1960: havia exemplos vivos de povos subdesenvolvidos que se rebelavam contra as potências mundiais, construindo pela ação as circunstâncias históricas das quais deveria brotar o homem novo. [30]

A professora, autora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, num livro com muitas críticas às estratégias cepecistas levanta a mesma referência a Walter Benjamin para pensar as obras do CPC no campo estético, concluindo que, por apelarem para a simplificação da linguagem, estariam aquém na sua capacidade transformadora, embora a autora não trate da temática de como o CPC foi capaz de se alastrar e, em pouco tempo, contar com sedes em várias cidades brasileiras. Talvez isso se dê pelo fato dela se conter na análise apenas de poesias. Ela também utiliza o texto *O autor como produtor: conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934* [31] para construir seu argumento, o que fica mais claro em passagens como esta:

A função política da obra - sua eficácia revolucionária - não deve, então, ser procurada nas imprecisões que dirige ao sistema ou em sua autopromoção como obra de transformação social, mas, antes, na técnica que a produz - na conformação ou não dessa técnica às relações literárias de produção estabelecidas. [32]

Com tudo isto, podemos ter um pouco da noção de como a juventude do início dos anos 1960, organizada em diferentes meios, como o movimento estudantil, ou em projetos artísticos coletivos, conseguia confluir num debate que os circundava em maior escala pelos próprios conflitos que o país passava naquele período de acirramento da Guerra Fria e de forte movimentação popular em prol das Reformas de Base, em consonância com o projeto na época representado, principalmente, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, mas que também era abraçado pelo PCB. Ao mesmo tempo, vemos a organização da reação direitista em diferentes meios, que se expressava nas universidades e em jornais de grande circulação como O Globo, por exemplo, além da expulsão jovens de esquerda de suas organizações juvenis, como fez a Igreja Católica com Aldo Arantes. Esses movimentos dentro da dinâmica social tratavam de buscar frear as ofensivas do governo de João Goulart a partir de movimentações em consonância com a política externa dos EUA que terminou por resultar no golpe de Estado de 1964.

Essa discussão acerca da memória, na qual o autor alemão Walter Benjamin aparece como uma presença de peso na teorização do fazer artístico a partir de meados dos anos 1960, segundo a entrevista de Nelson Pereira dos Santos realizada por Ridenti, mas que só poderia se tornar realmente uma influência a partir dos anos 1970, por conta do momento da tradução de suas obras está longe de se esgotar. Penso que o trabalho do autor francês Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento* (2007) [33] será valiosa para a incrementação deste debate. Outro aspecto que surge dessa discussão está no debate acerca da obra de Jacques Le Goff, que em seu verbete *Memória/História* (1984) [34] trata da plasticidade da memória e no seu caráter móvel. Contudo, ainda não tive tempo de avançar devidamente no estudo desses temas. Consequentemente, trata-se de mais uma possibilidade de avanço aberta a partir do início desta pesquisa, algo que surgiu de modo surpreendente se comparado às expectativas e às hipóteses iniciais.

3.4 - O golpe de estado como a interrupção de um sonho

O Golpe de 1964 colocou muitos dos nomes aqui citados na clandestinidade, tratou de fechar os CPCs, que estavam em vias de construir um grande teatro dentro do prédio da UNE na cidade do Rio de Janeiro, que terminou incendiado. O modo como se deu o desfecho da história torna até mais difícil avaliar qual seria o caminho das experiências aqui estudadas, já que seu fim abrupto adiou as conclusões, talvez, de forma definitiva.

O que fica, no entanto, é o discurso final de Elizabeth Teixeira no fim do longa-metragem *Cabra Marcado para Morrer (1984)*, de Eduardo Coutinho. O filme, como mencionado na introdução, originalmente, trataria de encenar episódios da vida de João Pedro Teixeira, liderança camponesa assassinada a mando de um latifundiário na Paraíba, no contexto da luta pela reforma agrária, e teria sido idealizado a partir das viagens do CPC junto com a UNE-Volante. Todavia, acabou interrompido pelo golpe, que perseguiu vários dos envolvidos com a obra. Terminado anos depois, não mais como obra de ficção, mas como um documentário. Coutinho, já na conjuntura da Abertura, no final do regime militar, mostra o material bruto que conseguiu escapar da destruição por parte do exército para os atores da trama, todos camponeses, e busca, concomitantemente, reunir a família Teixeira, dramaticamente separada por causa do contexto político.

O reencontro dessa família em frangalhos é como uma alegoria do Brasil após vinte anos de ditadura, um país destrozado pela violência e pela crise, por causa de um regime que aprofundou as desigualdades sociais e adiou em muito tempo o sonho de edificar uma sociedade mais justa. Vale dizer que, dentre os filhos e as filhas do casal Teixeira, o que pôde melhor explorar suas potencialidades, sem ter que encarar uma realidade de muita miséria, foi o que se mudou para Cuba para estudar e tornou-se médico. Se desde antes já havia, regularmente, o assassinato das lideranças populares, a partir da deposição de Jango, houve um aprofundamento dessa barbárie, que se incorporou de vez às políticas de Estado, a partir de grupos de extermínio e das próprias forças armadas que torturavam, sistematicamente, os opositores do regime. O discurso final de Elizabeth, recolocando as palavras de ordem e a luta do povo contra a opressão do capital e a favor do alargamento da democracia brasileira faz, todavia, a ligação perfeita com as batalhas anteriores. Ela evoca o romantismo daquela geração que, muitas vezes, parecia ter a certeza que estava construindo um projeto vencedor. Para eles, a repressão não teria, jamais, uma vitória definitiva, pois esta pertenceria aos movimentos populares organizados que, um dia, haveriam de alcançá-la. Nas palavras dela:

A mesma necessidade de 64 está tratada. Ela não fugiu um milímetro. A mesma necessidade está na fisionomia do operário, do homem do campo e do estudante. A luta que não pode parar. Enquanto existe fome e salário de miséria, o povo tem que lutar. Quem é que não luta por melhores dias de vida? Tem que lutar! Quem tem condições né... quem tiver sua boa vida, que fique aí né... Eu como venho sofrendo, eu tenho que lutar (...). É preciso mudar o regime, é preciso (...) enquanto tiver esse regimzinho, essa democraciazinha aí. Democracia sem liberdade? Democracia com salário de miséria e de fome? Democracia com o filho do operário e do camponês sem ter o direito de estudar? [35]

O romantismo revolucionário serviu como um poderoso combustível para aquela geração que, a partir de uma posição dotada de uma confiança semelhante à fé - não por acaso muitos daqueles jovens vieram das fileiras das juventudes católicas - buscou transformar radicalmente a realidade brasileira aliando-se às demandas e às lutas de diversas organizações da classe trabalhadora do campo e da cidade.

E essa busca, sabe-se, não foi totalmente paralisada pela ditadura militar e, no final dela, assumiu novas formas capazes de causar impacto relevante nos horizontes políticos nacionais. As Comunidades Eclesiais de Base tiveram uma atuação notória na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e na organização de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Algumas alianças, no campo individual, também se

mantiveram, mesmo com as dificuldades causadas pelo golpe e pela repressão. É o caso de Aldo Arantes, já totalmente integrado ao PCdoB, mas que apelou ao seu velho amigo dos tempos de AP, padre Henrique de Lima Vaz, para que pudesse retornar à PUC-Rio, em 1980, finalizar os seus estudos e formar-se em direito, já anistiado. Essa saga, entre várias outras, é contada no livro de memórias de Aldo, *Alma em fogo: memórias de um militante político* (2013) [36].

3.5 - Próximos passos da pesquisa

Como dito no decorrer deste trabalho, trata-se de uma pesquisa em fase inicial. Por conta disso, muitos aspectos aqui apresentados parecem longe de uma conclusão mais enfática. Ao longo do texto, houve o esforço de apontar caminhos pelos quais pretendo seguir para continuar desenvolvendo este projeto.

É necessário debruçar-se com mais afinco sobre as bases ideológicas da JUC e da AP, para compreender melhor esses agrupamentos. Concomitantemente, preciso estudar a própria fase pela qual a Igreja Católica estava passando no período, de modo a compreender melhor os embates entre os diferentes entendimentos de como os cristãos deveriam agir na realidade.

Além disso, há a importância de construir um estudo mais sólido sobre a própria UNE e seus embates entre estudantes de direita e de esquerda. Sem deixar de lado, é claro, o foco na PUC-Rio também. O empenho em compreender o movimento estudantil como dotado de múltiplas e conflituosas perspectivas, permitiu começar a perceber como sua complexidade contrasta com um senso comum que tende a uniformizá-lo.

As discussões sobre a memória e sua relação com o fazer historiográfico também estão precisando de aprimoramento. Esse fator só será passível de resolução com mais tempo para me aprofundar sobre a produção bibliográfica sobre o tema. Alguns livros já foram apontados como possíveis aportes teóricos para a pesquisa no decorrer do texto, mas é provável que aparecerão outros com o avanço da pesquisa.

3.6 - Referências bibliográficas

- [1] CABRA marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Mapa Filmes do Brasil. Rio de Janeiro: Gaumont, 1984.
- [2] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978. p.76.
- [3] FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano 3: o tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.361.
- [4] ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007. p.99-100.
- [5] BARCELLOS, Jalusa. *CPC: uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p.29.
- [6] ARANTES, Aldo. Entrevista concedida a João Paulo Costa. Núcleo de Memória PUC-Rio, Rio de Janeiro, 22 jun. 2023.
- [7] ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.
- [8] *Ibid.*, p.42.
- [9] ARAUJO, Maria Paula, *op. cit.*, p.100.
- [10] SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Ponteio: Educam, 2015.
- [11] *Ibid.*, p.62-63.
- [12] COMUNISTAS TENTARAM PERTURBAR A VISITA DO PRESIDENTE À UNE. O Globo, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1961.

- [13] BARCELLOS, Jalusa, *op. cit.*, p.29.
- [14] SÁ, Karolina Kneip de. *Ação Popular do Brasil: da JUC ao racha de 1968*. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2015. p.70-71.
- [15] INQUIETA OS ARCEBISPOS A AÇÃO SUBVERSIVA DA UNE, REVELA O CARDEAL D. JAIME. O Globo, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1962.
- [16] BARCELLOS, Jalusa, *op. cit.*, p.41.
- [17] PEIXOTO, Fernando. *O melhor teatro de CPC da UNE: parte I*. São Paulo: Global, 1989. p.17.
- [18] MISOCZKY, Maria Ceci. Rememorando a organização e práxis dos Centros Populares de Cultura. In: VII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2012. Curitiba. *Anais do VII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*. Curitiba: ANPAD, 2012. p.8.
- [19] RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2014. p.1164. *E-book*.
- [20] *Ibid.*, p.662.
- [21] BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- [22] BARCELLOS, Jalusa, *op. cit.*, p.16-17.
- [23] GARCIA, Miliandre. *Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. p.48.
- [24] BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- [25] ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 200. p.15.
- [26] RIO 40 graus. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Luiz Jardim, Nelson Pereira dos Santos, Mario Barros, Ciro Freire Cúri, Louis-Henri Guitton, Pedro Kosinski. Brasil: Columbia Pictures do Brasil, 1955.
- [27] RIO Zona Norte. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Nelson Pereira dos Santos, Roberto Santos, Ciro Freire Cúri. Brasil: Ubayara Filme, 1957.
- [28] RIDENTI, Marcelo, *op. cit.*, p.1482.
- [29] SALEM, Helena. *Leon Hirszman: o navegador das estrelas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.69.
- [30] RIDENTI, Marcelo, *op. cit.*, p. 423.
- [31] BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- [32] HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p.32.
- [33] RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- [34] LE GOFF, Jacques. Memória. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Memória/História*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1986. Enciclopédia Einaudi vol. 1. p.11-50.
- [35] CABRA marcado para morrer, *op. cit.*
- [36] ARANTES, Aldo. *Alma em fogo: memórias de um militante político*. São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2013. p.241.